

A ENFERMAGEM PSQUIÁTRICA E A ENFERMAGEM MODERNA NO RIO DE JANEIRO: UMA LIÇÃO DA HISTÓRIA¹

PSYCHIATRIC NURSING AND MODERN NURSING IN THE FEDERAL STATE OF RIO DE JANEIRO: A LESSON FROM HISTORY

LA ENFERMERÍA PSQUIÁTRICA Y LA ENFERMERÍA MODERNA EN RIO DE JANEIRO: UNA LECCIÓN DE HISTORIA

*Osnir Claudiano da Silva Jr.*²

*Almerinda Moreira*³

*Wellington Amorim*⁴

*Fernando Porto*⁵

RESUMO: Estudo referente a um ensaio do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem (LAPHE), sobre a luta e empenho da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) para que a Enfermagem Moderna entendesse a sua inserção na área de Psiquiatria do Rio de Janeiro, na década de 40. Nosso objetivo: apresentar as dificuldades a despeito da institucionalização da enfermagem no espaço geográfico do Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro. Para tanto, utilizamos a documentação que normatizava a institucionalização da Enfermagem na área psiquiátrica à época. Os pródromos dos resultados apontam para uma quebra do Padrão Anna Nery na área em apreço, pois até 1949 tal escola relegava assistência ao doente mental *in loco*, por motivos diversos; enquanto a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto cuidava dos doentes mentais, ou seja, o seu nascedouro, em 1890. Portanto, cabe-nos destacar o papel histórico e estratégico da ABEn como coordenadora e fomentadora das discussões dos rumos da Enfermagem.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem, História, ABEn, enfermagem psiquiátrica

INTRODUÇÃO

A “História da Enfermagem” tem sido uma das disciplinas mais constantes em toda a trajetória da formação em Enfermagem no Brasil. Através do estudo da história, nas suas várias modalidades e inspirações teóricas, temos a oportunidade de verificar as mudanças e transformações ocorridas na enfermagem. A visita à história – portanto, *après coup* – nos permite o distanciamento necessário para melhor se enxergar. Versões e interpretações da história são oportunidades, como poucas, de aumentar nosso capital cultural e nos instrumentalizar para

¹ Este artigo é produto da linha de pesquisa “a profissionalização da enfermagem no Brasil”, em desenvolvimento no Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem/LAPHE, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade do Rio de Janeiro.

² Prof. Dr. em Enfermagem da EEAP do Depto. de Enfermagem Fundamental – UNRIO.

³ Prof. Doutoranda em Enfermagem do Depto. de Enfermagem Médico Cirúrgico da EEAP – UNIRIO.

⁴ Prof. Doutorando em Enfermagem do Depto. de Enfermagem de Saúde Pública da EEAP – UNIRIO.

⁵ Prof. Mestrando em Enfermagem do Depto. de Enfermagem Materno-Infantil da EEAP – UNRIO.

enfrentar os desafios atuais e futuros.

De um modelo mais tradicional de história, passamos a interrogá-la e descobrir as raízes de nossas dificuldades e potencialidades. Temos hoje consciência que existem nós na trama deste tecido histórico, que nos cabe desatar, investigando com a responsabilidade de preservar aos nossos sucessores, memórias e relíquias de nosso passado recente ou remoto, em favor da afirmação e defesa do espaço acadêmico da enfermagem, conquistada com tantas lutas e empenho de nossos antepassados, e nossas mesmas.

Este ensaio, produzido no Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem, tem por objetivo apresentar as dificuldades de inserção da enfermagem moderna no campo da psiquiatria, a despeito da origem da institucionalização da enfermagem no Brasil se ter dado no “terreno” do Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro.

A ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA E A ENFERMAGEM MODERNA. TÃO PERTO E TÃO LONGE

O ensino e a profissionalização da enfermagem no Brasil têm seu marco inicial na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, anexa ao Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, em 1890. Estão expressos no Decreto do Marechal Deodoro, Chefe do Governo Provisório da República, dois dos elementos fundamentais para esta inauguração: a escola, como fornecedora de curso que, ao conferir um título, traz à pessoa autoridade em relação aos clientes. E, ainda, a garantia de preferência para a inserção numa função pública e de aposentadoria aos 25 anos de trabalho⁶.

A inserção pública da Enfermagem surge anos após Nightingale Trainig School for Nurses at Saint Thomas Hospital, Londres, 1860. Contudo, a iniciativa da nascente República Brasileira não se pautou nos princípios da enfermagem moderna, preconizada por Florence Nightingale, seguindo, outrossim, modelos tradicionais de treinamento e práticos, como na França. Não é por coincidência que são recrutadas, na Salpêtrière, enfermeiras que vêm substituir as irmãs de caridade da Santa Casa de Misericórdia, em atividades no hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro.

As atividades realizadas no espaço supramencionado apontaram para algumas dificuldades, em seus momentos iniciais na escola, apontando primeiramente sobre a compreensão e atuação do Estado na questão da doença mental através da exclusão e testagem de teorias bizarras naqueles que, supostamente, não mereciam cuidados mais qualificados ou, pelo menos, humanizados.

Em um segundo momento, em um outro contexto sócio-político, houve a introdução da enfermagem moderna, também no Rio de Janeiro, através da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EEDNSP), 1923, produto do encontro do modelo anglo-americano de enfermagem com o movimento higienista brasileiro, criando uma situação esdrúxula, ou seja, duas escolas de enfermagem abrigadas no mesmo Estado Nacional, geograficamente instaladas na mesma cidade, mas com inspirações diferentes em relação ao doente mental, pois a Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto, era ligada fundamentalmente à

⁶ *A Escola de Enfermagem Alfredo Pinto foi a primeira Escola de Enfermagem fundada no Brasil, em 1890. Como instituição anexa ao Hospital Nacional de Alienados no Rio de Janeiro, permaneceu dirigida por médicos até 1942, quando assumiu a Direção a Enfermeira Maria de Castro Pamphiro, aluna pioneira da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, formada em 1925.*

⁷ *A Escola foi reorganizada, com novo Regimento Interno, em 1921, por portaria do Ministro da Justiça e Negócios Interiores Alfredo Pinto Vieira de Melo. Dividiu-a em três seções: feminina, na Colônia de Psicopatas Gustavo Riedel, no Engenho de Dentro (EP de Enfermeiras Alfredo Pinto); a seção mixta, no Hospital Psiquiátrico e a masculina, que não vingou. A primeira turma foi formada em 1921. (MOREIRA, p.58-60). Gustavo Riedel foi o Fundador da Liga Brasileira de Higiene Mental em 1923, que reunia a elite psiquiátrica da época e criou o ambulatório de profilaxia das doenças mentais, Rivadávia Corrêa, anexo à Colônia do Engenho de Dentro.*

assistência aos doentes mentais⁷, enquanto a Escola do DNSP, estava ligada ao desenvolvimento da Saúde Pública.

A Escola de Enfermeiras do DNSP se manteve afastada por longo tempo da psiquiatria, pois seu programa de ensino tinha suas bases adaptadas do “Standard Curriculum for Schools of Nursing”, elaborado para a enfermagem norte-americana, em 1917, valendo destacar que em ambas a disciplina “Arte de Enfermeira em Doenças Nervosas e Mentais”, com 20 horas, suprimida, entretanto, no programa divulgado em 1926.

Miranda (1994, p. 17-21) afirma que, embora figurasse no conjunto de prescrições do Regimento Interno do Serviço de Enfermeiras do DNSP, do ano de 1926, tal disciplina não era ministrada, sendo substituída por Doenças Venéreas, conforme registrado no histórico de uma aluna em 1925.

A substituição da disciplina, acima mencionada, podemos verificar em fato ocorrido em 1937, quando a Diretora Berta Pullen, Diretora da EEAN, recusa, em ofício ao Reitor da Universidade do Brasil, a assunção, pela Escola Anna Nery, em seu Pavilhão de Aulas, da instrução de algumas cadeiras do programa dos hospitais da assistência a psicopatas, por considerar a “situação complicada e prejudicial”, preferindo não envolver a escola nesse programa. (*Miranda*, 1994, p. 171)

Apesar deste não envolvimento, já existia no Brasil, desde 1890, uma escola de enfermagem ligada ao Hospital Nacional de Alienados, que a Escola de Enfermeiras do DNSP não incluiu, de pronto, o doente mental no rol de clientes a serem atendidos pelas enfermeiras Padrão Anna Nery; do mesmo modo que não foi, o louco, objeto de atenção da Escola Nightingale, quando do seu surgimento em Londres, em 1860, apesar de declarar que a enfermagem moderna é caracteristicamente uma atividade que ocupa-se “das **mentes doentes**, bem como dos corpos, do **ambiente físico, mental e social do doente**.”⁸

Este fato nightingaliano nos chama atenção, uma vez que, durante todo o movimento sanitário que envolveu, inclusive, a implantação da Enfermagem Moderna no Brasil, o tema da higiene mental foi fortemente presente, deixando transparecer que tenha passado ao largo das enfermeiras; porém, *Moreira* (1990, p. 66) afirma que, do outro lado da cidade, “de 1921 a 1934, a Escola Alfredo Pinto diplomou, em seu Curso Fundamental, 215 moças”

Desta forma, acreditamos, que as razões deste afastamento da enfermagem moderna dos doentes mentais, até meados da década de 40, possam ser discutidas sob os aspectos levantados pela Senhora Nightingale, ou seja, aspectos técnicos e morais fortemente imbricados.

Portanto, cabe-nos aqui perguntar: Como levar as moças de boa família do Rio de Janeiro para os hospitais psiquiátricos que, até o momento, não dispunham de um arsenal terapêutico capaz de controlar os corpos gerenciados por mentes adoecidas? Como expo-las a ambientes “moralmente” insalubres? Estes questionamentos reforçam nosso entendimento de que o “discurso da sexualidade como um dos eixos de instrução da enfermagem moderna” (*Miranda*, 1994, p.33), era uma preocupação das enfermeiras dirigentes da EEDNSP.

No seu “Curso de Enfermeiros”, *Adolpho Possolo* (1939, p. 8) descrevia na apresentação de 1920: “uma enfermeira, ou enfermeiro, não se improvisa – faz-se com aprendizado especial e tirocinio adequado junto aos doentes” e, declara sua preferência pela enfermeira, sempre preferível em detrimento ao enfermeiro, pois: “A mulher é mais caridosa, é mais meiga, tem mais espírito de sacrifício do que o homem... Julgamos mesmo que o enfermeiro só logra preferência em relação aos loucos (homens) e aos serviços sanitários de guerra nas linhas de frente ou nos navios de combate.”

A primeira diretora da EEDNSP, todavia, parece ter desconhecido a publicação de 1920, ao afirmar que não existiam livros de enfermagem e todos tiveram que ser traduzidos (*Prophet*,

⁸ *Programa da Escola de Enfermagem Fundada por Florence Nightingale. Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. S.d. (grifos do original).*

1979) e, talvez tenha desprezado a produção nacional como estratégia de garantir a utilização de originais norte-americanos.

Estas discussões, no que se refere a origem da literatura utilizada não parecem ter tido impacto na enfermagem moderna até a movimentação da classe em busca de uma nova lei para o ensino de enfermagem.

O Decreto-Lei nº.3.171, de 2 de abril de 1941, ligou a Escola Profissional de Enfermeiros ao Serviço Nacional de Doenças Mentais e, o Decreto-Lei nº 3.198, de 10 de abril de 1941, dispõe sobre as aulas da Escola, fortalecendo o espírito corporativista dos médicos e a dominação do saber. (Moreira, 1990, p. 68)

Em 1942, o Decreto nº 10.742, de 22 de setembro de 1942, fundiu as seções feminina e mista, na sede da Av. Pasteur, 292, sob o título de Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto, com os seguintes objetivos:

- Preparar Enfermeiros Auxiliares para os Serviços Sanitários e Assistenciais;
- Promover a especialização em Serviços Psiquiátricos de Enfermeiros diplomados.

O Curso de Enfermeiros Auxiliares previa, em seu sexto e último período, a disciplina "Psicologia e Psiquiatria".

O referido Curso de Especialização em Enfermagem Psiquiátrica, formou apenas uma turma em 1943. Moreira (1990, p. 74) afirma que o curso não teve continuidade por problemas de reconhecimento pelo Ministério da Educação e Saúde. **Reconhecimento do título, compreenda-se, como reconhecimento do saber.**

Contudo, não se há de negar as contribuições da Associação Brasileira de Enfermagem para a consolidação da enfermagem como profissão no Brasil. Castro (1982: 43) afirma sobre este papel histórico que, "durante quase 50 anos, foi está a única entidade representativa dos enfermeiros em nível nacional" e que, além do papel cultural, envolveu-se diretamente na defesa dos interesses da classe, outro papel foi, que as associações contribuíram para a construção das profissões. Elias (1987, p. 933-934) aponta que o caráter mesmo de autoridade de uma profissão é objeto de cuidado das associações profissionais, através de várias ações que, em última instância, "zelam pela preservação do *status* profissional".

Ao zelarem pelo status profissional, destacamos "as lutas da Associação Brasileira de Enfermagem", Castro (1982, p. 43) nos mostra que o exercício simultâneo da presidência da ABEn e da Superintendência do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, no período de 1928 à 1938, por Edith de Magalhães Fraenkel, deve ter facilitado a interlocução dos interesses das enfermeiras com o governo, na busca de atos legais em favor da profissão.

A facilitação como objetivo era de buscar a inserção internacional, levando a ABEn a se filiar ao Conselho Internacional de Enfermeiras (CIE) em 1929, nele permanecendo até 1998, quando foi substituída pelo Conselho Federal de Enfermagem, na condição de representante do Brasil⁹.

A partir de 1942, Maria de Castro Pamphiro assumiu a direção da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e, a partir de 1945, viria ocupar, simultaneamente, a Direção e o assento no Conselho Fiscal (1945/49), com a criação do Núcleo do Distrito Federal (1946), ocupando a vice-presidência, retornando ao Conselho Deliberativo da Associação Brasileira (Carvalho, 1976, p. 26)¹⁰.

⁹ Curiosamente, os congressos quadrienais, que marcam a entrada e a saída da ABEn no CIE, ocorreram no Canadá, respectivamente, em Montreal e Vancouver.

¹⁰ A senhora Pamphiro, desde os primeiros momentos, esteve ligada à Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, como sócia fundadora (1929) e em vários outros cargos até 1949. (Carvalho, 1976, p. 26).

A NECESSIDADE DE UMA NOVA LEI - A 775/49: UMA DAS LUTA DA ABEn A QUEBRA DO PADRÃO ANNA NERY

Até o final da década de 40, a enfermagem foi disciplinada pelo Decreto 20.109/31,¹¹ e pelo Decreto 20931/32¹². Mas, a despeito do declínio do prestígio do DNSP desde os anos 30, a Escola de Enfermeiras Anna Nery tornou-se a escola padrão do Brasil e foi incorporada à Universidade do Brasil, em 1937, tendo o padrão Anna Nery tornado-se referência da enfermagem brasileira.

Nos currículos adotados entre 1935-49, na Escola Anna Nery, a Enfermagem em Psiquiatria aparece como disciplina obrigatória, com uma carga horária total de 160h. *Teixeira* (1995, p. 142) verificou em sua pesquisa que “a partir dos anos 40, o ensino de enfermagem psiquiátrica (nas escolas Carlos Chagas MG, Anna Nery e Escola da Bahia) era ministrado de forma simulada. Um psiquiatra ensinava a parte teórica, as patologias e as síndromes psiquiátricas, organizadas de acordo com o modelo organicista francês e alemão, sobretudo. O ensino da enfermagem propriamente dito apresentava peculiaridades que variavam do eminentemente prático ao burlesco”.

A consolidação de uma sociedade de base industrial, constituída por assalariados urbanos, e a necessidade de recuperação da força de trabalho, impulsionaram a ampliação e diferenciação do parque hospitalar e a abertura dos hospitais-escola das faculdades de medicina, fazendo crescer a demanda da enfermeira hospitalar e de preparo de seu pessoal auxiliar.

Estudos e relatórios de enfermeiras denunciam a necessidade de modificações na formação e na prática de enfermagem no Brasil, que exige, cada vez mais, enfermeiras de alto padrão para operar a incorporação da tecnologia médico-científica.

A insatisfação com a estrutura de formação vigente no país, inclusive a longa permanência do Padrão Anna Nery, levaram a ABEn a constituir, em 1948, uma comissão para elaborar um projeto de nova regulamentação para o ensino de enfermagem, tendo o apoio de alguns deputados e a participação de elementos da Diretoria de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura, em reuniões realizadas na Escola Anna Nery, criando o projeto embrião da Lei 775/49, a partir de um antigo anteprojeto de lei sobre a regulamentação da profissão, de 1944 e a inserção definitiva da enfermagem na universidade parece ter sido o maior ganho na aprovação da lei, juntamente com a regulamentação da formação auxiliar de enfermagem. (*Carvalho*, 1976, p. 173)¹³

Na segunda metade dos anos 40, a partir de 1947, a Divisão de Educação da Associação estimulou a formação de comissões permanentes, entre elas a de Higiene Mental e Enfermagem Psiquiátrica, “(...) com a finalidade de procurar conhecer bem os hospitais de Psiquiatria, para determinar os que apresentassem condições favoráveis ao estágio de estudantes, e obter livros e folhetos sobre Higiene Mental para as bibliotecas das escolas de Enfermagem” (*Carvalho*, 1976, p. 128).

As dificuldades do ensino de enfermagem psiquiátrica levaram a ABEn, segundo *Carvalho* (1976), em 1948, a formação de uma comissão especial para estudar o ensino da matéria. Ela

¹¹ *Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa as condições para a equiparação das escolas de enfermagem e instruções relativas ao processo de exame para revalidação de diplomas. Em seu artigo 2º determina que a Escola de Enfermeiras Anna Nery, do Departamento Nacional de Saúde Pública, será considerada escola oficial padrão.*

¹² *Regula e fiscaliza o exercício da medicina, da odontologia, da medicina veterinária, e das profissões de farmacêutico, parteira e enfermeira, no Brasil, e estabelece penas.*

¹³ *Participaram ativamente neste evento as enfermeiras Edith de Magalhães Fraenkel e Lais Netto dos Reys. (Carvalho, 1976, p.173)*

Hasenjaeger, Ir. Matilde Nina e Maria de C. Pamphiro concluíram, no relatório, que “no Brasil, não havia enfermeiras preparadas nesse setor” (p. 129), e novamente o não reconhecimento do saber produzido em um curso de especialização já oferecido, tendo uma participação ativa da Revista Anais de Enfermagem e do Jornal da ANEDB, em 1931 e 1932 (p. 332).

Cabe destacar que, mesmo com a atuação da Diretora da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, fundamentalmente ligada ao Serviço Nacional de Doenças Mentais, do Ministério da Educação e Saúde, nos mais altos círculos da enfermagem brasileira, não parece ter produzido alterações significativas no entendimento da liderança representada pela ABEn, no tocante à enfermagem psiquiátrica.

Observamos que, ao longo do período estudado, se estabeleceu um jogo de cumplicidades e separação de corpos entre o tratamento dispensado à doença mental e a enfermagem moderna no Brasil, pois a aproximação somente se tornou possível no momento em que passou a fazer parte do projeto político-institucional da enfermagem a ocupação de todos os espaços na estrutura hospitalar, como forma de ampliar seu raio de ação e prestígio, e que um novo arsenal terapêutico, basicamente químico, entrou em ação para o controle das agitações de ordem mental.

Em 1949, o Decreto nº 27.426, que regulamenta a Lei nº 775, do mesmo ano, determina, para a segunda série do Curso de Enfermagem, o ensino de “Enfermagem e clínica neurológica e psiquiátrica.”

O ano de 1949 marca, e também é marcado, pela entrada da Escola de Enfermagem Anna Nery no campo prático da enfermagem psiquiátrica, no Hospício Engenho de Dentro, conforme demonstra *Miranda* (1994, p. 103).

Neste período, as alunas da EEAP, em estágio no Hospital Escola São Francisco de Assis, da Universidade do Brasil, trocavam suas experiências no campo da psiquiatria com as alunas da EEAN que não freqüentavam hospitais psiquiátricos. (*Miranda*, 1994, p. 106)

Sena (1985, p. 393) afirma que “determinada a obrigatoriedade do ensino da enfermagem psiquiátrica, por força da Lei 775/49, nos Cursos de Graduação em Enfermagem, mais de 50% das Escolas não conseguiram oferecer estágios de Enfermagem Psiquiátrica por absoluta falta de condição dos campos de prática existentes na época, quando a recuperação do doente mental não era ainda preocupação do Estado.”

Torna-se evidente neste contexto que, por razões técnicas e/ou morais, a enfermagem moderna, somente a partir do final da década de 40, começou a se aproximar do doente mental e ver nele alguém que deveria - ou poderia - receber a assistência qualificada que este novo paradigma de formação e prática de enfermagem introduzira no Brasil desde os anos 20. Por outro lado, o início da profissionalização se dera no quintal do hospício científico e, mesmo assim, a opção da psiquiatria não fora pela enfermeira moderna, produto das inovações introduzidas por Nigthingale. Aliás, contraditoriamente ao anunciado, a dedicação às mentes doentes, não parece ter incluído o doente mental nas suas áreas de interesse.

Os prejuízos legados à enfermagem psiquiátrica são enormes e podem ser sentidos fortemente no panorama dramático da assistência à saúde mental que tentamos modificar ainda hoje.

Assim, como no passado tivemos dificuldades, de enxergar nos doentes mentais uma expressiva parcela de nossa clientela, precisamos estar atentos para que, agora, não estejamos deixando parte da população à margem de nossos cuidados qualificados, para que possamos cumprir, amplamente, nosso papel social.

Neste contexto, cabe destacar, mais uma vez, o papel histórico e estratégico da Associação Brasileira de Enfermagem como coordenadora e fomentadora das discussões dos rumos desta Enfermagem, de fórum legítimo para decisões sobre a cultura, em sentido lato desta profissão no Brasil.

ABSTRACT: The present study is the result of an essay written for the discipline Research Laboratory of Nursing History. It refers to the interest and struggle of the Brazilian Association of Nursing (ABEN), in the 1940s, in Rio de Janeiro, to make professionals of this area aware of the need of the inclusion of nursing in the psychiatric field in Rio de Janeiro. Our objective is to present the difficulties of this insertion, although the beginnings and the regulation of the nursing profession in Brazil started in a school of nursing, in the Psychiatric Hospital of Rio de Janeiro. In order to present the difficulties for this inclusion, we analyzed the documents that prescribed the regulation of the nursing profession, in the psychiatric area of the hospital mentioned above. Results indicate that standards established by Anna Nery Nursing School were broken, since psychiatric assistance was denied by this school until 1949, while the Nursing School Alfredo Pinto provided this kind of care since 1890. It is important to point out the strategic and historical role of ABEN as the coordinator and motivator of discussions regarding the course of the nursing profession.

KEYWORDS: nursing, history, ABEN

RESUMEN: Estudio referente a un ensayo del "Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem" (LAPHE), sobre la lucha y empeño de la Asociación Brasileña de Enfermería (ABEN) para que la Enfermería Moderna comprendiese su inserción en el campo de la Psiquiatría de Rio de Janeiro, en los años 40. Nuestro objetivo: presentar las dificultades en dicho tema, pese a la institucionalización de la profesión dentro del Hospital Psiquiátrico de Rio de Janeiro. Se ha utilizado la documentación que –en esa época- normatizaba la inclusión de la profesión de enfermería en el área psiquiátrica. Los comienzos de los resultados apuntan hacia una ruptura respecto al Patrón Anna Nery, pues hasta 1949 dicha escuela no prestaba asistencia al enfermo mental in loco; mientras que la Escuela de Enfermería Alfredo Pinto cuidaba a los enfermos mentales. De ahí su carácter pionero ya en ese campo, en 1890. Por lo tanto, nos cumple destacar el papel histórico y estratégico de la ABEN como coordinadora y propulsora de las discusiones sobre los rumbos de la Enfermería.

PALABRAS CLAVE: enfermería, historia, ABEN

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, I. B. O Papel Social do Enfermeiro – Realidade e Perspectiva de Mudança. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM 34., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: ABEN, 1982. 514p.

CARVALHO, A. C. *Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976*: Documentário. Rio de Janeiro: ABEN, 1976.

ELIAS, N. Profissões. In: *Dicionário de Ciências Sociais*/Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Documentação: Benedicto Silva, Coordenação geral: et al/2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. v. 2. 1987. 1241 p.

MEMORANDO nº 167 de 31 de julho de 1937. Centro de Documentação da EEN/UFRJ. In: *Parentesco Imaginário*. 1994. p. 171

MOREIRA, A. *Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – 100 anos*. 1990. 212 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

POSSOLO, A. *Curso de Enfermeiros*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1939. 383p.

PROPHET, Elizabeth Clara. *Ich Dieu*. Memórias de Clara Louise Kienninger. Rio de Janeiro: Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, 1979. cap. VII.

A enfermagem psiquiátrica...

SENA, Teresa de Jesus. O ensino da enfermagem psiquiátrica e sua influência sobre a prática profissional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 37., 1985, Recife. *Anais...* Recife: Associação Brasileira de Enfermagem - PE, 1986. 550p.

TEIXEIRA, Elizabeth, M. *A ideologia do feminino na formação da/o enfermeira/o*. 1995. 142 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da UFRJ, Rio de Janeiro. p. 80.